

REPRESENTATIVIDADE EM SALA DE AULA: A IMPORTÂNCIA DE REFERÊNCIAS PARA A CONSTRUÇÃO DE IDENTIDADES NEGRAS

KAROLINA DA ROSA MENDES¹; MARINA DE OLIVEIRA²

¹Universidade Federal de Pelotas – karoldrmendes@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – marinadolufpel@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho busca mostrar a importância da representatividade durante a infância e o auxílio no desenvolvimento de identidades, trazendo como exemplo minha experiência como uma professora negra no projeto de extensão “Brincando de faz-de-conta: teatro no Instituto Nossa Senhora da Conceição”, coordenado pela Profª Drª Marina de Oliveira, pelo curso de Teatro – Licenciatura, da Universidade Federal de Pelotas.

O projeto trata-se de uma parceria do curso de Teatro com o Instituto Nossa Senhora da Conceição, que tem como foco propiciar vivências teatrais para as crianças atendidas pela Instituição.

O Instituto, localizado no centro da cidade de Pelotas, atende meninas de 6 a 12 anos de idade, em vulnerabilidade social. Após a escola, as meninas são conduzidas ao Instituto, onde ficam pelo período da tarde. Ali elas recebem almoço e lanche, além de terem atividades programadas e aulas extras, contando com o acompanhamento de professoras, pedagoga, psicóloga e assistente social.

2. DESENVOLVIMENTO

Desde muito jovens, pessoas negras, como eu, sofrem com questões raciais e sociais, seja por sermos exceção em uma escola particular ou por estarmos em maioria em uma escola menos favorecida. Seja por não encontrarmos uma boneca ou um super-herói que se pareça com a gente, ou a ausência de um *black power* em uma campanha publicitária. Somos bombardeados com problemáticas de proporções significativas e variadas, que nos afetam a todos, cada um à sua maneira. Conforme aponta Maria Aparecida Silva Bento, diretora executiva do Centro de Estudos das Relações do Trabalho e das Desigualdades (CEERT), organização não governamental de São Paulo:

A complexidade de ser negro em uma sociedade em que essa condição aparece associada à pobreza, inferioridade, incompetência, feiúra, atraso cultural, torna a construção da identidade racial de negros e negras um grande desafio. (BENTO, 2019)

Todos somos diferentes, temos criações diferentes em ambientes e circunstâncias diferentes. Pessoalmente, sempre tive modelos em quem me espelhar, mulheres negras que me acompanharam, incentivaram, me mostraram e me envolveram em discussões raciais, sociais e de gênero, deixando tais questões muito claras e presentes na minha vida. Entender-me negra, afirmar-me negra, mostrar-me negra, nunca foi um mistério ou um problema para mim. Apesar disso, ou por causa disso, a ausência de representatividade, aceitação e afirmação presentes na nossa sociedade é algo que me chama muito a atenção e o qual me dedico a pesquisar.

Identidade racial é entendida como direito e como condição imprescindível para assegurar saúde, bem estar e desenvolvimento pleno de todas as crianças, em particular das negras, e como base imprescindível para uma sociedade que se propaga como igualitária. (BENTO, 2019)

Em minha primeira conversa a respeito do projeto e do trabalho que já havia sido feito por outros colegas, o fato de algumas meninas demonstrarem certa aversão e apatia em relação a questões raciais me foi exposto. Meninas declarando que preferiam cabelos lisos e peles claras aos seus cabelos crespos/cacheados e suas peles escuras, me pareceu um provável reflexo das imagens que elas têm como referência, não apenas dentro da escola e do Instituto, com professoras majoritariamente brancas, mas num todo. Reflexo da pouca representatividade no meio cultural, por exemplo, e da pouca exploração da cultura afro, ainda que, atualmente, todas as questões mencionadas tenham melhorado desde a minha época de aluna no ensino básico.

Esta foi uma das justificativas da minha candidatura para fazer parte da equipe, no momento em que se mostrou necessária uma figura capaz de trazer tal representatividade para as meninas. Sim, minha chegada ao projeto se deu com este propósito: representatividade. E logo no primeiro dia as meninas se mostraram surpresas e animadas com a minha presença. A professora nova, com um tom de pele e um cabelo diferentes das demais professoras. Um tom de pele e um cabelo mais parecidos com o da maioria delas.

A questão racial/étnica foi anteriormente trabalhada no “Brincando” por meio da exploração de narrativas como *Cadê Maricota?*, de May Shuravel, e *Dandara: seus cachos e caracóis*, de Maira Suertegaray, que têm meninas negras como protagonistas. Em 2017, as alunas conheceram a origem das bonecas abayomis, através da performance de Luciane dos Santos Avila, monitora negra que atuou no projeto. Após essa performance, Luciane, com o auxílio de Wesley Aragão, ensinou as meninas a confeccionar as bonecas de pano oriundas da cultura africana. Em 2018, uma das turmas atendidas pelo projeto montou a cena “Oíá e o Búfalo”, a partir do conto da mitologia africana, de Kiusam de Oliveira, sob a condução dos monitores Eduarda Bento, Maiara de Oliveira e Wesley Aragão. Assistiram, ainda, ao espetáculo “Oduduwa e os Sete Anéis”, apresentado por Wesley Aragão e Rafael Bueno, ambos negros, sendo este último um dos monitores do projeto no presente momento. Essas práticas evidenciam uma abordagem pedagógica direcionada para a positivação de identidades negras, proposta de diferentes formas ao longo do projeto.

Agora, comigo, essa abordagem tem se dado de maneira discreta, já que, por ora, não planejo trabalhar diretamente tais questões com elas. Minha manifestação tem sido sutil, porém, tem se mostrado eficaz. O simples fato de chegar ao Instituto com meu cabelo natural, solto, grande e cacheado, desperta nas meninas, diariamente, diferentes reações, até então positivas, de reconhecimento e identificação, exatamente o efeito que quero causar com isso.

Professores nem sempre podem interferir em equívocos dos pais ou desfazer danos psicológicos. Eles podem sim criar ambientes de auxílio emocional para que as crianças possam produzir novas identificações positivas. (BENTO, 2019)

Dessa forma, frases como “o cabelo da prof. Karol é parecido com o meu” ou “a prof. Karol parece comigo porque ela é da mesma cor que eu”, se tornaram

recorrentes nas aulas e crianças que antes expressavam sua insatisfação com sua própria aparência, hoje demonstram uma gradativa e positiva mudança.

Com base em diferentes pesquisas realizadas por estudiosos do movimento negro brasileiro e de fora dele, é possível afirmar que a construção e o desenvolvimento de uma identidade se dão através de estímulos externos, a criança alimenta e reproduz aquilo que vê. Assim, se uma criança negra não se vê representada nos diferentes ambientes o qual frequenta, na escola, por exemplo, logo ela assumirá que ali não é o seu lugar de pertencimento e/ou expressará a vontade de se adequar a tal ambiente, neste caso manifestando sua insatisfação com sua aparência e/ou aceitando manifestações de outras crianças a seu respeito. Cabe aos adultos próximos a elas lhes indicar, de todas as maneiras possíveis, o trajeto rumo à aceitação e ao respeito às diferenças.

A identidade é construída por meio do corpo e na convivência com o outro. Nosso “eu” é produto de muitos outros que o constituem. Esses “outros”, nos primeiros anos de vida, com frequência são a mãe, o pai, a professora ou outros adultos que cuidam diretamente da criança. Por meio do olhar, do toque, da voz, dos gestos desse outro, a criança vai tomando consciência de seu corpo, do valor atribuído a ele, e construindo sua auto-imagem, seu auto-conceito. (BENTO, 2019)



3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Aos poucos vão-se percebendo os resultados das aulas com a única professora negra presente neste momento no Instituto e uma das poucas alunas do curso de Teatro da UFPel.

Aspectos e conceitos do fazer teatral, tais como foco, espaço de jogo, relação palco-platéia, expressão corporal e vocal, improvisação e encenação, a construção e o aprimoramento de cenas, são conteúdos importantes que vêm sendo trabalhados com as meninas durante os encontros através de práticas como jogos teatrais, desenvolvidos por Viola Spolin, e conceitos de movimento corporal, baseados nas teorias de Rudolf Laban. Mas, além dos conhecimentos teatrais absorvidos por elas, as meninas têm desenvolvido questões pessoais

também. As quais, ao meu ver, são passos de formiguinha mas que com toda a certeza farão a diferença no futuro.

Ter a consciência de que, enquanto muitas meninas negras têm várias figuras em quem se inspirar, outras ainda sofrem com questões que muitas vezes passam despercebidas, é um dos combustíveis que fazem a mim e outros colegas negros, negras (e não negros) trabalhar e pesquisar em relação ao tema.

4. CONCLUSÕES

As experiências mencionadas e a minha atuação enquanto professora negra em sala de aula nos fazem ver o quanto é importante fortalecer a ideia de pertencimento, de reconhecimento, de saber quem somos e de onde viemos, e principalmente a premissa de que, apesar de diferentes, todos merecemos respeito. Acreditamos que esse é o caminho para um melhor convívio social e é isso que tem sido proposto para as crianças, tanto nas minhas aulas quanto nos trabalhos desenvolvidos anteriormente por outros colegas igualmente interessados e engajados na mesma causa, tornando assim, quem sabe, suas experiências sobre seus próprios corpos um pouco melhor.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARAGÃO, W. F; AVILA, L. S.; OLIVEIRA, M. A positivação da identidade negra a partir da prática teatral. IN: **IV CONGRESSO DE EXTENSÃO E CULTURA DA UFPEL**, Pelotas, 2017, *Anais do IV Congresso de Extensão e Cultura*. Pelotas: Pró-reitoria de Extensão e Cultura, 2018, p. 1201. Disponível em: <https://wp.ufpel.edu.br/congressoextensao/anais/anais-2017/>. Acesso em: 5 set. 2019.

ARAGÃO, W. F; BENTO, E. G.; OLIVEIRA, M. S.; OLIVEIRA, M. Brincando de faz-de-conta: a fábula como modelo de ação na encenação teatral com crianças. IN: **V CONGRESSO DE EXTENSÃO E CULTURA DA UFPEL**, Pelotas, 2018, *Anais do V Congresso de Extensão e Cultura*. Pelotas: Pró-reitoria de Extensão e Cultura, 2018, p. 1663. Disponível em: <https://wp.ufpel.edu.br/congressoextensao/anais-2018/>. Acesso em: 5 set. 2019.

BENTO, M. A. S.; A identidade racial em crianças pequenas. CEERT, São Paulo, 27 ago. 2019. Notícias. Online. Disponível em: <<https://ceert.org.br/noticias/crianca-adolescente/25624/a-identidade-racial-em-criancas-pequenas>>. Acesso em: 9 set. 2019.

LABAN, Rudolf. **Domínio do movimento**. São Paulo: Summus, 1978.

SPOLIN, Viola. **Improvisação para o teatro**. Tradução de Ingrid Dormien Koudela, Eduardo José de Almeida Amos. 3 ed. São Paulo: Perspectiva, 1985.